

**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

**SADISMO E MASOQUISMO NA OBRA DE FREUD E NO ESPAÇO
ANALÍTICO**

LUCIANA MARA FRANÇA MOREIRA CAPANEMA

BELO HORIZONTE

2010

LUCIANA MARA FRANÇA MOREIRA CAPANEMA

**SADISMO E MASOQUISMO NA OBRA DE FREUD E NO ESPAÇO
ANALÍTICO**

Monografia apresentada em conclusão do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, do departamento de psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientadora: Maria Teresa de Melo Carvalho.

BELO HORIZONTE

2010

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH

Departamento de Psicologia

Monografia apresentada em perante a banca examinadora constituída
pelos Professores:

Prof. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho
(orientadora)

Belo Horizonte

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, pela contribuição acadêmica.

Em especial à Profa. Maria Teresa de Melo Carvalho pela contribuição na construção da escrita e da elaboração do seguinte projeto.

Aos meus filhos Yuri e Gabriel pela amizade e responsabilidade que demonstram diante da vida.

Aos meus pais e amigos pela presença de conforto e por respeitarem minhas escolhas.

Sumário

RESUMO.....	05
INTRUDUÇÃO	06
CAPITULO I /MASOQUISMO E SADISMO EM FREUD.....	08
1.1 Sadismo e Masoquismo nos três ensaios (1905)	08
1.2 Pulsões e seus destinos (1915)	09
1.3 “Uma criança é espancada” uma contribuição ao estudo da origem das Perversões sexuais (1919)	11
1.4 O problema econômico do masoquismo (1924).....	13
1.5 A leitura de Laplanche sobre a agressividade e o sado-masoquismo.....	18
1.5.1 O masoquismo originário na emergência do campo sexual.....	18
1.5.2 O papel do outro na constituição do masoquismo	20
CAPITULOII/ ILUSTRAÇÃO DO SADISMO E MASOQUISMO NO ESPAÇO ANALÍTICO.....	22
2.1 Fragmento de Caso I.....	22
2.2 Fragmento de Caso II.....	25
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo um estudo sobre os temas: sadismo e masoquismo na obra de Freud. A elaboração da escrita segue em sua maior parte a fundamentação teórica da primeira tópica e uma parte introdutória da segunda tópica. No primeiro capítulo apresentamos um estudo referente aos textos Freudianos datados de 1905 a 1924, acrescentando ao final, a interpretação de Laplanche sobre a agressividade e o sadomasoquismo baseada em sua teoria da sedução generalizada. No segundo capítulo abordamos fragmentos de casos clínicos que exemplificam a construção teórica e foram motivação para a escrita da monografia.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca abordar os temas sadismo e masoquismo na obra freudiana, acompanhando o desenvolvimento do pensamento do autor no conhecimento desses assuntos. A motivação para este estudo, surgiu de alguns atendimentos clínicos de casos considerados difíceis e complexos. Quase sempre eram acompanhados de relatos e lembranças de agressão e espancamento na infância, por parte de um adulto parental. Sintomas e sinais do tipo tristeza, angústia, mal estar corporal em que me encontrava após o atendimento, mobilizaram a busca pela supervisão. O estudo relata fragmentos desses casos. O que será apresentado é um recorte da experiência clínica, no que se refere à complexidade dos casos e da relação de análise, como nos diz Junior:

parto da constatação de que a prática clínica revela a complexidade de uma situação que produz e é ao mesmo tempo produzida por um conhecimento que não se mostra claramente, a não ser que optemos por transformá-lo em tese, isolando-o, recortando-o da experiência vivida. Há aqui, a nebulosidade própria da relação do homem com o mundo e das relações intersubjetivas ou, até melhor, das relações interpessoais, que caracterizam a especificidade do campo de uma análise. (JUNIOR,2008, p.68)

Os temas sadismo e o masoquismo foram apontados por Freud desde o início como parte do comportamento e da sexualidade humana, reconhecendo sua existência no psiquismo, na vida pulsional e nas fantasias infantis, que se mostram nas várias formas de expressão da subjetividade.

Os estudos iniciam-se com o texto: *Três ensaios sobre a teoria sexualidade*. (1905). Neste texto, Freud ressalta que sadismo e masoquismo são componentes da sexualidade humana perverso polimorfa. Em seguida temos o texto: “Pulsões e destinos da Pulsão” (1915) no qual sadismo e o masoquismo são propostos na dinâmica pulsional e em particular, no redirecionamento contra a própria pessoa. Neste texto, o sadismo é considerado como primário ao masoquismo. Já em 1919, Freud introduz novas construções teóricas e clínicas, descrevendo sobre a fantasia: “Uma criança é espancada.” A “fantasia de espancamento” passa a ser o fundamento do masoquismo. Em 1924, apresenta-nos o texto “O problema econômico do masoquismo” propondo novas hipóteses para o masoquismo. Uma delas seria a sua existência antes do sadismo e proveniente da pulsão de morte, nomeado-o de masoquismo erógeno. Ainda neste texto, propõe outras duas formas, o masoquismo feminino e o masoquismo moral presente na vida psíquica conforme a fantasia constituída no campo subjetivo.

Ao final do primeiro capítulo, apresentamos um breve estudo sobre a leitura de Laplanche a respeito dos textos de Freud, cujos temas da agressividade e do sadomasoquismo, são contemplados por este autor. E posteriormente seus estudos referentes à participação do outro na construção das fantasias da criança.

No capítulo II, apresentamos relatos de dois fragmentos de casos clínicos, que impulsionaram os estudos realizados no capítulo I. Ou seja, os fragmentos de casos estão associados aos estudos teóricos como objetivo de desenvolver o conhecimento sobre o tema em questão.

CAPITULO I

1.1 Sadismo e masoquismo nos Três Ensaios (1905)

O texto de Freud, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* representa uma referência de extrema importância para a introdução do estudo sobre o sadismo e o masoquismo que serão vistos como componentes da psicosexualidade humana.

Neste texto, há um resgate dos estudos científicos sobre estas manifestações, mas Freud irá avançar em relação a esses estudos ao postular o sadismo e o masoquismo como pulsões parciais e ao considerá-los como par de opostos e componentes da pulsão sexual. Aspectos principais como o prazer na dor, humilhação ou sujeição, fundamentam as formas ativas e passivas na relação do homem com os objetos de satisfação sádico/masoquista.

O sadismo se expressa no exercício imperativo do poder e tem como forma de satisfação condutas que levam à sujeição e aos maus-tratos provocados ao outro. Na maioria das perversões o sujeito sádico se mostra violento com o objeto sexual. O masoquismo, como forma passiva, implica suportar a dor advinda do objeto sexual. Ambos os temas são observados por Freud tendo, entre si, constante relação nas várias formas de manifestar.

Neste mesmo texto, Freud se pergunta sobre a precedência do masoquismo na vida psíquica. “Em primeiro lugar pode-se por em dúvida se ele aparece alguma vez como fenômeno primário, ou se, pelo contrário surge regularmente do sadismo mediante uma transformação.” (FREUD, 1905 p.150). Porém ele acredita, nesse momento, que o masoquismo deriva do sadismo. Entendendo, para além dessas questões, que “o sádico é ao mesmo tempo masoquista”. (FREUD, 1905, p.151). Essa importante reflexão é acrescida de que, no masoquismo pervertido, há um distanciamento maior do alvo sexual normal, podendo ser um retorno do sadismo contra a própria pessoa.

Encontramos em LAPLANCHE e PONTALIS (2001 p.466) que o par sadismo e masoquismo aparece no desenvolvimento da obra freudiana sempre correlacionados e constitutivos do campo sexual.

De maneira comum, as características estratégicas de obtenção de prazer sádico/masoquista, estão presentes na vida sexual, no contraste entre a atividade e a

passividade, entre masculino e o feminino, presente na bissexualidade. Nas suas reflexões, Freud descreve com originalidade sobre a sexualidade infantil e aponta que desde as primeiras experiências o sujeito tende a trilhar caminhos singulares que o levam à escolha do objeto de satisfação. As pulsões parciais participam da organização libidinal da sexualidade em sua manifestação infantil “perverso polimorfa” com tendência a satisfação auto-erótica em busca de prazer no próprio corpo, como no caso da pulsão de caráter masoquista. Já a pulsão parcial de caráter sádico tem sua meta na dominação frente ao outro. Em seguida será apresentado o texto de Freud, no qual, descreve seus estudos sobre as pulsões e seus destinos, escrito no ano de 1915.

1.2- Pulsões e seus destinos (1915)

Em 1915, no texto “Pulsões e destinos da pulsão” Freud descreve a complexidade dos destinos pulsionais, bem como suas formas contraditórias e conflituosas de existir no sujeito. É no âmbito do psiquismo que se apresenta a possibilidade de análise do circuito pulsional e das diversas expressões da sexualidade humana. Ele analisa quatro destinos possíveis da pulsão - a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a pessoa; o recalque; a sublimação.

Ao retomar o par sadismo/masoquismo irá ilustrar a dinâmica pulsional expressa no redirecionamento contra a própria pessoa, na qual aparece a troca do objeto sem alteração da meta.

O redirecionamento contra a própria pessoa se torna plausível se considerarmos que, afinal, o masoquismo é um sadismo voltado contra a sua pessoa e que o masoquista compartilha o gozo implicado na agressão contra sua pessoa e que o exibicionista se compraz com seu desnudamento. O essencial nesse processo é, portanto, a troca de objeto sem alteração da meta. (FREUD, 1915 p.152)

O masoquismo define-se por um fenômeno cuja escolha de objeto visa o prazer através da dor, por meio da identificação a um objeto que antes se localizava externamente e passa a existir no interior do próprio sujeito. De acordo com a proposição de um sadismo original tem-se, inicialmente, uma meta ativa frente ao outro. Depois, este objeto é substituído pela própria pessoa. A meta antes ativa torna-se passiva. Dando continuidade à configuração masoquista, toma-se esse outro como objeto externo, mantendo-se na meta passiva e conferindo a este o papel de sujeito que

promove a dor. Um outro internalizado que funciona de maneira sádica, humilha e subjuga. Neste momento da sua obra, Freud mantém a primazia do sadismo acreditando que o prazer na dor seria proveniente da excitação presente na transformação do sadismo em masoquismo e na complacência prazerosa sentida pelo sádico ao ver o outro sofrer.

Laplanche formula uma interpretação condizente com esse outro internalizado no masoquismo e que aparece no plano de uma cena composta de pólos: prazer/desprazer, ativo/passivo, diante do objeto, configurando assim a cena fantasística:

Se, no cenário sádico, o prazer está no sujeito e o desprezo no objeto, a introjeção deste último e sua integração numa instância da personalidade (ego) teria como resultado uma interiorização do conjunto da cena, explicando facilmente o paradoxo do masoquismo: o masoquista não gozaria senão por sua identificação fantasmática com o pólo ativo da cena. (LAPLANCHE, 1985 p.107)

Em relação à cena na qual o sujeito se identifica, Freud no ano de 1919 escreve o texto: “Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais.” Trata-se da análise de cenas e fantasias de espancamento construídas em torno do infantil, surgidas na primeira infância, relacionadas às vicissitudes pulsionais de caráter sádico e masoquista, freqüentemente encontradas nos pacientes em análise. Algo se constrói no plano psíquico além da simples vivência cotidiana da criança, nas leituras de contos infantis e nas condutas educativas infligidas a ela ou às crianças a sua volta. Conforme afirma Freud:

A aplicação sistemática da análise demonstra que as fantasias de espancamento tem um desenvolvimento histórico que não é, de modo algum simples, no decorrer do qual são mais de uma vez modificadas em aspectos no que diz respeito à relação com o autor da fantasia e quanto a seu objeto, conteúdo e significado. (FREUD, 1919, p.200, vol XVII)

Passemos, então, a abordar o texto de 1919, “Uma criança é espancada”.

1.3 – “Uma criança é espancada” uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919)

A fantasia de espancamento sugere ligações com as experiências reais da criança. É constitutiva do psiquismo e está no plano das representações infantis e do encontro com o mundo adulto. Descoberta na clínica por Freud, tal fantasia aponta para questões qualitativas do campo da clínica, do trabalho do analista, contribuindo para o entendimento das neuroses, das aberrações sexuais e perversões que compõem a vida adulta de muitos pacientes. Em seus estudos dos casos clínicos, ele observa que os sujeitos apresentam esse tipo de fantasia e ele conclui que o complexo parental, as feições e mesclas de amor e ódio estão nas raízes constitutivas dela. As elaborações das cenas que compõe a fantasia se dão de forma sucessiva com conteúdos sádicos e masoquistas que se associam ao plano erótico da subjetividade.

Anteriormente à apresentação da fantasia e ainda durante sua descrição, Freud mantém a compreensão de um sadismo originário, anterior ao masoquismo. A fantasia vem acrescentar na trajetória clínica a noção de fantasmas masoquistas como substitutos da relação edípica proporcionando a excitação libidinal ligada ao castigo e enuncia a possibilidade de futuras elaborações teóricas. Na descrição feita a partir dos casos atendidos, Freud indica três tempos na fantasia e sua elaboração é diferenciada conforme se trate do universo masculino ou feminino. Há uma tentativa de explicação de que meninos constroem diferentemente das meninas os seus enredos, ou seja, ao longo dos questionamentos, Freud observa que não há um paralelo completo entre fantasia do menino e da menina e em sua análise centra-se, sobretudo, no caso da menina. Os termos menino e menina diriam do tempo do infantil, presente também no adulto e da presença dos pais, nas primeiras identificações diante dos objetos amados e odiados.

Com relação à fantasia da menina, no primeiro tempo tem-se o enredo: “bate-se numa criança”. O anonimato de quem bate e quem apanha apresenta-se até que ela formule: “O meu pai está batendo numa criança que eu odeio”. Esta parte da cena descreve o pai como autor do espancamento e marca também o desejo de ser privilegiada frente a esse pai que bate em outra criança. No segundo tempo, as elaborações evidenciam o que seria próprio do conteúdo masoquista: “estou sendo espancada pelo meu pai”. Aqui o conteúdo é inconsciente com forte excitação sexual. A

essa fase só se chega pelo trabalho de análise, é a fase considerada mais importante, construída e não memorada. Na terceira fase há indeterminação de quem bate podendo ser um substituto do pai. A cena está composta no terceiro tempo da menina com características sádicas, sendo meninos que sofrem através de castigos e humilhações. No caso dos meninos há pouca descrição. Freud, apenas acrescenta um caso em que é lembrada a fantasia de ser espancado pela mãe, no decorrer da análise. A finalidade dessa fantasia era a masturbação. Mas a base das fantasias de espancamento nos homens está associada a outra questão que seria a escolha da posição feminina na fantasia.

As observações analíticas dos casos de Freud nos conduzem ao entendimento da gênese do masoquismo, da função desempenhada pela fantasia masoquista, nos sexo masculino e feminino e na perversão, participando na dinâmica da neurose, refletindo as afeições, a rivalidade o ciúme e o erotismo. Sob o ponto de vista do complexo de Édipo, a análise dessas fantasias está associada à repressão do amor incestuoso pelos pais e o modo como a criança apreende o movimento de amabilidade entre os pais. Permitam-me uma citação longa, mas de relativa importância quanto a esta questão.

Podem nos perguntar, com razão, por que tem de ser assim; porém, podemos considerá-lo prova do fato de que os genitais já começaram a desempenhar o seu papel no processo de excitação. Nos meninos, o desejo de procriar um filho, com a mãe, jamais esta ausente, nas meninas, o desejo de obter uma criança do pai é igualmente constante; e isto, apesar de serem inteiramente incapazes de formar qualquer idéia clara da maneira de realizarem esses desejos.

A criança parece estar convencida de que os genitais têm algo haver com o assunto, muito embora, em suas constantes cogitações, possa procurar pela essência da presumida intimidade entre os pais em relações de outra espécie, tais como no fato de dormirem juntos, urinarem na presença um do outro etc; e o material desse último tipo pode ser mais facilmente apreendido em imagens verbais, do que o mistério que esta relacionado com os genitais. (FREUD,1919 p.203)

Segundo Freud, a fantasia perversa de espancamento está na vida sexual da criança, na relação com seu amor incestuoso pelo pai no complexo de Édipo. Em alguns casos as meninas tem como construção o abandono do papel feminino, proveniente do recalque do amor incestuoso pelo pai, do sentimento de culpa inconsciente, anunciando o complexo de masculinidade. No sexo masculino, nota-se a fantasia de espancamento com o conteúdo de ser espancado pela mãe e posteriormente pelo pai significando também ser amado.

Esta, dentre outras formas de fantasia, está presente na sexualidade infantil, compondo o núcleo da neurose infantil e posteriormente a neurose na idade adulta. Em análise a fantasia retrata esse momento em que a criança está a volta com o complexo parental e a fase Edípica. Cenas de espancamento do pai para com irmãos podem aparecer e demonstrar sentimento de prazer e de rivalidade. As meninas desejam ter filhos com o pai e os meninos com a mãe. Esses desejos são posteriormente submetidos ao recalque fazendo surgir o sentimento de culpa inconsciente.

A organização genital pode se manifestar de forma regredida associado ao sentimento de culpa, contexto este pré-genital, anal sádico. A fantasia masoquista realça o rebaixamento regressivo da libido, com sentimento de culpa e fixação em atos masturbatórios.

Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga a fantasia à partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui, temos pela primeira vez a essência do masoquismo. (FREUD, 1919 p. 205)

Nesse momento para Freud a passividade e a transformação do sadismo em masoquismo é algo que está relacionado ao sentimento de culpa inconsciente, e portanto ao recalque. Ambos se tornam parceiros na formação do sintoma. Em alguns casos clínicos de adultos pervertidos, observa-se a insistência das fantasias masoquistas e a presença de idéias obsessivas intensas desempenhando um papel preponderante para a satisfação. Há casos específicos, cujas manifestações de impotência sexual, estão relacionados com a complexidade da sexualidade infantil, permeada pela fantasia. De modo geral, no caso do homem a atitude masoquista representaria na fantasia uma atitude feminina para com o pai.

Portanto, a regressão no funcionamento masoquista é marcada pelo conflito Edípico, pela angústia de castração, proveniente da diferença entre os sexos e é nutrida pela organização fantasmática que se verifica na segunda posição da fantasia uma criança é espancada, isto é “estou sendo espancada pelo meu pai”.

1.4- O problema econômico do masoquismo (1924)

Em 1924, Freud apresenta novas indagações e formulações a respeito do fenômeno do masoquismo, afirmando que “na nossa vida pulsional, é um fenômeno

enigmático.” (Freud,1924, p.105) A pergunta é como compreender a dor e o desprazer como meta pulsional, uma vez que o princípio do prazer ao predominar no psiquismo, visa a estabilidade quantitativa de excitação. Freud então repensa a dor como forma de excitação, prazer e escoamento pulsional. Introduce a discussão analisando o princípio do prazer conjuntamente com a pulsão de vida e o princípio de nirvana, associado à pulsão de morte e ao desprazer. Segundo o princípio de prazer, a dinâmica psíquica visava reduzir a tensão no aparelho psíquico para obtenção do prazer e o aumento da tensão levaria ao desprazer. Freud levanta a seguinte questão sobre os processos psíquicos de meta masoquista: “Afinal se o princípio do prazer domina os processos psíquicos a tal ponto que estes têm como meta imediata obter prazer e evitar o desprazer, não há como compreender o masoquismo.” (FREUD, 1924, p.105.)

Freud incita-nos a pensar que na regulação dos processos de vida, participam três princípios e cada um à sua maneira. “O princípio de nirvana expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de prazer representa a sua transformação em reivindicações da libido; e o princípio de realidade, a influência do mundo exterior.” Cada um com sua especificidade e característica, compondo a vida psíquica, na redução da carga de energia, no adiamento do escoamento dos estímulos e na exigência da manutenção temporária da tensão proveniente do desprazer. (FREUD, 1924, p.107)

Freud propõe neste momento novas formulações para o masoquismo, com diferenças no modo do escoamento pulsional e na vivência subjetiva. Descrevendo então três tipos: o masoquismo erógeno, o feminino e o moral.

O masoquismo erógeno, conhecido também como masoquismo primário, fundamenta os outros tipos. Para entendê-lo Freud resgata em seus estudos a seguinte formulação:

Nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, especificamente no trecho sobre as fontes da sexualidade infantil, afirmei: que a excitação sexual surge como efeito colateral de numerosos processos interiores, basta que a intensidade desses processos tenha ultrapassado certos limites quantitativos. É que talvez sempre que ocorra algo de mais relevante no organismo, alguma parcela do processo será transferida e contribuirá para a excitação das pulsões sexuais. (FREUD, 1924 p.109)

Isso o leva à suposição de que as excitações provenientes da dor se associam às pulsões sexuais, justificando o masoquismo proveniente do vínculo entre o fisiológico e a libido. Outra hipótese para o entendimento do masoquismo erógeno seria a pulsão de morte juntar-se à libido, levando-a ao destino da destruição do objeto.Ou

seja, uma parte da pulsão de morte estaria a serviço da função sexual que resultaria no sadismo. Ainda nesse raciocínio, restaria algo da pulsão de morte no organismo, que ao juntar-se à excitação sexual, daria origem ao masoquismo original ou erógeno. Freud chega a desenvolver sua explicação dizendo que nos movimentos da pulsão de vida e de morte, sempre restará parte da pulsão de morte no organismo. O sadismo original seria esta parcela da pulsão de morte, direcionada para fora e o que resta o masoquismo erógeno. O sadismo poderia, ao ser direcionado ao exterior, ser novamente introjetado, e resultaria em masoquismo secundário. Concluindo, Freud afirma que o masoquismo erógeno, está em todas as fases da vida, nas fantasias, associado ao medo de ser devorado, surrado, castrado, segundo as fases evolutivas da libido, conforme a passagem abaixo:

O masoquismo erógeno teria participado de todas as fases evolutivas da libido, extraindo delas suas variadas e cambiantes roupagens psíquicas. Assim, o medo de ser devorado pelo animal-totem (pai) proviria da organização primitiva oral, e o desejo de ser surrado pelo pai se deveria da fase seguinte, a anal-sádica; o conteúdo das fantasias masoquistas de castração – apesar de mais tarde renegado – seria um precipitado resultante da fase fálica de organização genital, e as situações características da feminilidade, ser alvo de coito e dar a luz, evidentemente se originariam da organização genital definitiva. Também é fácil- independentemente das causas reais e óbvias- compreender o papel das nádegas [*Nates*] no masoquismo. Elas são parte do corpo eroticamente mais privilegiada na fase sádico-anal, assim como a mama é na fase oral, e o pênis, na genital. (FREUD, 1924 p.110)

O segundo tipo, o masoquismo feminino, aparece na clínica especificamente nos homens, podendo estar sob características de uma perversão, envolvendo uma complexidade de fatores e sustentado por uma fantasia de satisfação sexual pela via da masturbação ou rituais de preparação para o ato sexual. Tal fantasia é alicerçada no infantil, de um pai que bate em uma criança e a busca pelo prazer que coloca o sujeito na condição passiva perante este pai. A fantasia pode-se manifestar em atos reais na via sexual do sujeito. São cenas de submissão e obediência cujos fantasmas referem-se à posição feminina de ser castrado, podendo estar ligados a sentimento de culpabilidade que exige castigo. A cena toca na angústia de castração velando o prazer. Freud ao referir-se à fantasia do sujeito masoquista nos diz:

O conteúdo manifesto é de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado á obediência incondicional, sujado e aviltado. É muito raro que mutilações sejam

incluídas no conteúdo, e, então sujeitas a estritas imitações. A interpretação óbvia, a qual facilmente se chega, é que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena desamparada, mais particularmente, como uma criança travessa. (FREUD, 1924, p.108)

O masoquismo moral, seria o terceiro tipo e apresenta-se de forma bastante complexa em relação à culpabilidade, auto-recriminação, auto-destruição. Sendo que sua forma “mais extrema e indubitavelmente patológica” pode ser percebida no tratamento analítico, naqueles pacientes que insistem em persistir em seu sofrimento neurótico, reconhecidos pelo que Freud denominou de reação terapêutica negativa. Sua constituição se diferencia bastante das outras formas, provem da relação com o outro, mas sua determinação se dá na contingência do superego. O campo sexual não está explícito na sua manifestação dando-nos a impressão de que é a pulsão de destruição, quem vigora internamente, contra o próprio sujeito, em *si mesmo*. No entanto, a elaboração de Freud irá mostrar a presença da sexualidade também neste terceiro tipo.

A satisfação no masoquismo moral está vinculada à dor, e também principalmente à necessidade de castigo e ao sintoma neurótico. Na clínica estes sujeitos manifestam resistência acentuada ao tratamento, transferência negativa e necessidade de punição, o que estaria ligado ao “sentimento de culpa inconsciente,” responsável por forças internas que atuam a favor do sintoma neurótico. São casos difíceis em que os sujeitos às vezes mudam os sintomas, mas permanecem com sofrimento e não reconhecem sua intensidade. Nos atendimentos, Freud aponta a necessidade de localizar o sentimento inconsciente de culpa e nos adverte de que a culpa é manifestação da consciência moral colaboradora nos julgamentos, erigida pelo superego em conflito com o eu. Há uma exigência do superego diante do eu, que se fragiliza e não mais responde como regulador da relação entre as instâncias.

Freud acrescenta que a superação do complexo de Édipo exige um certo esforço de elaboração das relações entre a criança e as figuras parentais. As pulsões vivenciadas nesse tempo sofrem desvios e se dessexualizam. O superego é erigido com o resquício dessas figuras parentais, tornando-se *punitivo, severo*, contra o próprio eu e responsável pelo exercício da consciência moral. Então fica suposto que o complexo de Édipo é a fonte de toda moralidade, e que essa relação com os pais, pode se propagar de forma exagerada na figura de sucessores, Deus ou divindades.

Consequentemente, podemos falar, no caso do masoquismo moral, de um sadismo do superego, que se direciona ao eu, levando-o a comportar-se de forma a criar

situações de castigo, cujas raízes estão nas vivências com as figuras parentais, descobertas somente na clínica. Conforme afirma Freud: “esforços e anseios masoquistas do eu, via de regra, permanecem ocultos para a própria pessoa, só podendo ser deduzidos pelo analista a partir do comportamento observado.” (FREUD, 1924 p.114)

A dedução deve estar apoiada na relação transferencial e nos relatos que expressam quase sempre situações de perda da consciência moral, agir de forma pecaminosa, vigiado por uma moral sádica vinda de algum outro poder como Deus, por exemplo, comportamentos de tortura e autodestruição. A consciência moral seria um caminho que aponta para o sentimento inconsciente de culpa. O resultado desse sentimento pode manifestar-se nas características de punição, vigorando no inconsciente o seguinte: “O desejo, tão frequente nas fantasias, de ser surrado pelo pai, está muito próximo do outro: ter com o pai uma relação sexual passiva (feminina).” (FREUD, 1924 p.114)

Os castigos são consequências da consciência moral sádica, provinda do outro. Freud também nos fala da repressão cultural, isto é, por ser impedido de manifestar sua agressão no mundo, o sujeito tende a recolher no próprio eu essa parcela da pulsão destrutiva que seria direcionada ao mundo externo, com o conseqüente aumento do masoquismo. O que é recolhido pode se manifestar no superego e ampliar o seu sadismo para com o eu. A atitude de quem evita agressão ao outro, e internamente vive uma violência extrema, provem da exigência de adequação da pulsão ao mundo externo e não da consciência moral. A consciência moral seria posterior à abdicação da satisfação da pulsão. Freud conclui que o sadismo do superego e o masoquismo do eu podem se complementar e a origem desse movimento esta na pulsão, especificamente na pulsão de morte. Naquilo que resta do movimento de destruição ao outro e na satisfação obtida nesse jogo intrapsíquico e intersubjetivo vivido pelo masoquista moral.

Neste texto temos então a afirmação da precedência do masoquismo sobre o sadismo, ao mesmo tempo, fundamentado na hipótese da pulsão de morte. Mas o caráter sexual do masoquismo é ressaltado por Freud. O que está de acordo com as análises feitas no texto: “Uma criança espancada- Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919) Ser criticado, castigado, referem-se à fantasia de espancamento que como vimos, é interpretada como uma posição passiva e sexual diante do pai.

1.5 A leitura de Laplanche sobre a agressividade e o sado-masochismo.

Encontramos em Laplanche no seu livro: *Vida e Morte em Psicanálise*, no capítulo intitulado, “Pulsão de morte Agressividade e Sadomasochismo” interpretações a partir da obra de Freud, que facilitam a compreensão dos temas sadismo e masochismo. As conclusões desse autor apontam para ausência em Freud, de uma pulsão de agressividade, embora o tema da agressividade não seja ignorado, aparecendo, no entanto, de forma implícita na obra em: ambivalência no amor-ódio no complexo de Édipo, na transferência negativa e no texto: “Pulsão e destinos da pulsão” quando se refere ao ódio no sadomasochismo. Somente após 1920 com a afirmação da pulsão de morte, enquanto ser mítico é que a agressividade aparece explícita voltada primeiramente para o sujeito, antes de ser colocada no campo externo.

Para abordar as questões do sadomasochismo, Laplanche utiliza-se da teoria do apoio descrita por Freud em seus estudos iniciais sobre a pulsão. Afirma que há dois aspectos que são importantes nessa teoria. Um deles seria a gênese marginal da sexualidade que se dá sempre como um desvio do instinto. O marginal tem relação com a excitação sexual e na perturbação surgida no campo fantasmático. O segundo é a constituição da sexualidade, que está marcada por uma posição passiva da criança, frente ao outro. A implantação da sexualidade no sadomasochismo se apóia no masochismo originário, nos primeiros registros do outro, nas fantasias do outro e nas interpretações construídas pelo sujeito.

1.5.1- O masochismo originário na emergência do campo sexual

Como vimos anteriormente em Freud é a partir de 1920, com a introdução da pulsão de morte, e que podemos reconhecer o masochismo primário ou erógeno, cuja vertente da agressividade a si mesmo, compõe o psiquismo e é anterior ao sadismo.

Laplanche sustenta que é com a entrada da pulsão de morte em 1920, como ser mítico, que a agressividade em Freud está primeiramente voltada para o sujeito, antes de ser colocada no mundo externo.

... o essencial consiste na idéia de que a agressividade está voltada primeiro para o sujeito e como que estagnada nele, antes de ser dirigida para o exterior- o termo sujeito compreendido aqui em todos os níveis, tanto do ser biológico mais elementar, protista ou célula, quanto o individuo biológico

multicelular e evidentemente ,tanto o individuo humano considerado como individualidade biológica,quanto como vida psíquica.Essa é a tese do masoquismo primário ou originário, e as aparências confirmam de modo indubitável que ela é inteiramente nova, só aparecendo em 1920 com a postulação do ser mítico que é a pulsão de morte. (LAPLANCHE, 1985, p.90)

O mesmo autor acrescenta que em alguns textos de Freud o sadismo e masoquismo são utilizados para designar a violência não sexual e outras vezes o prazer sexual. O que nos confunde tornando-se necessário o entendimento da relação destes termos com a fantasia, a excitação e o gozo sexual. Portanto, considerar a proposta de Freud, de um primeiro tempo sádico, como ele nos apresenta na primeira tópica não seria adequado, pois é um tempo sem conotação de um campo sexual e a agressividade ainda não se manifesta psiquicamente em composição no plano auto-erótico e fantasmático. Esse tempo seria apenas de pura destrutibilidade, com caráter puramente instrumental de violência, agressão, crueldade, que podemos associar à pulsão de dominação¹, postulada inicialmente por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Para Laplanche, o masoquismo originário deve ser compreendido como de conteúdo pré-sexual, tratando-se de um momento fundante da pulsão sexual. O primeiro tempo da fantasia masoquista, está postulado por Freud como sádico e o segundo tempo como masoquista. Trata-se do momento marca a entrada do outro, no plano psíquico do auto-erotismo, tempo conhecido como *momento reflexivo do retorno sobre si mesmo*. (LAPLANCHE 1985 p.92)

Considerando suas reflexões, é no masoquismo originário que se evoca o nascimento da sexualidade. Pode ser representado na figura da criança em uma posição passiva, não autônoma diante da influencia do inconsciente do adulto na constituição do seu psiquismo e dos primeiros registros que participam da configuração das suas futuras fantasias e da emergência da sua sexualidade. A posição do masoquismo original está enraizada na vida pulsional, assim descreve Laplanche:

La différence est essentielle.Le masochisme primaire chez Freud corrélatif de la pulsion de mort est affirmé comme une force *endogène, irréductible á autre chose qu'elle-memê, et non sexuelle*. Pour ma part, j'ai parlé d'emblée à ce sujet de la – position originaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle-Ce qui signifie que selon moi le masochisme, si ancré qu'il soit dans les origines de la vie pulsionnelle humaine,

¹ O termo pulsão de dominação (Bemächtigungstrieb) surge algumas vezes na obra de Freud e, segundo Hanns, é empregado para designar o impulso de tomar os objetos e apoderar-se deles.

- 1.- n' est pas explicable par force biologique interne inhérente à toute organisation et qui serait La –pulsion de mort-;
 - 2.- est lié aux processus complexes aboutissant à La gênese de La pulsion sexuelle á partir dès messages énigmatiques de l'autre;
 - 3.- est intrinsèquement sexuel.
- Ceci est lié à ma critique de la –pulsion de mort-que je ne conçois pas comme une agressivité constitutionnelle, mais comme l'âme- même de la sexualité humaine. (LAPLANCHE 2001, p.19-20)

Laplanche entende que o masoquismo primário em Freud corresponde à pulsão de morte, surgido de força endógena e não tem o caráter sexual. O sexual na obra freudiana estaria no momento masoquista da fantasia e do retorno sobre a própria pessoa. Laplanche considera desde o masoquismo original a existência do campo sexual, enraizado nas origens da vida e da pulsão sexual. A emergência do sexual deve ser compreendida a partir da implantação da sexualidade do outro na criança e sua posterior tradução das mensagens enigmáticas recebidas do outro e traduzidas conforme suas possibilidades. O masoquismo original tem o caráter de masoquismo pela passividade da criança diante do enigma da sexualidade do outro.

1.5.2 O papel do outro na constituição do masoquismo

Na leitura de Laplanche o outro parental é fonte de mensagens enigmáticas para a criança. São mensagens que veiculam um sentido, ignorado pelo próprio adulto. Aquele que emite a mensagem nem sempre tem consciência do que quer dizer. Assim a criança é submetida à intrusão do adulto, ou melhor, da sedução do mundo adulto. Essa situação está composta por cenas variáveis em que se misturam fatos, contextos e mensagens endereçadas à criança. E a mesma traduz, na infância, conforme sua possibilidade, a partir do que recebe do mundo adulto. Por exemplo, em relação a fantasia de espancamento o autor diz o seguinte:

Enfim, o pai não sabe de maneira nenhuma que ele diz uma multidão de outras coisas, como: “Amar é bater, violentar, penetrar, como faço, por exemplo, com sua mãe... e isto não apenas genitalmente, mas também, pelo ânus, pois como se violentaria de outro modo um “irmãozinho-ou-irmãzinha,”etc...Confrontando a esta mensagem enigmática, mensagem comprometida por múltiplas ressurgências inconscientes, a criança traduz o melhor que pode, com a linguagem de que dispõe.(LAPLANCHE,1993,p.64)

Não somente as cenas reais, mas o modo como o sujeito capta a mensagem que vem do outro determinaram a realidade psíquica. O ego tem uma forma particular de traduzir; diante do adulto a criança traduz de acordo com sua maturidade psíquica e o recalque seria uma “*recusa a tradução.*” O mais complexo é a fixação na fantasia masoquista, também entendida como uma forma de tradução, muito frequente nas manifestações perversas.

Mas o aspecto mais obscuro da mensagem, segundo o qual se ama, sexualmente falando, batendo e violentando, que é deixado “cair” nesta tradução. É estes “feuros”, esta sobrevivência (Überlebsel), que forma precisamente a fantasia inconsciente, fantasia fixa e imutável, não historicizada e mesmo designificada, estúpida, inacessível diretamente, fantasia verdadeiramente original que não pode ser detectada senão pelos derivados perversos que sabemos. (LAPLANCHE, 1993 p.64)

Ainda no campo da fantasia, Laplanche nos dá um exemplo do fantasma masoquista na clínica que facilita a compreensão da participação desse outro. Trata-se de um homem velho que escutava cenas primitivas dos pais. A sua fantasia foi descoberta na representação da cena de *ruídos primitivos no quarto dos pais, o riso da mãe, os ecos de tapas nas nádegas.* A tradução é momento de excitação, mas também de passividade da sedução velada na cena originária. Laplanche também nos fala do *bebê masoquista.* Observado na figura da criança passiva dominada pela excitação, atacada pela fantasia do outro.

Podemos concluir que o outro, na constituição do masoquismo é aquele que se apresenta na cena de forma ativa, sedutora estando presente nos acontecimentos reais que se passaram entre os protagonistas familiares. Lembrando que Laplanche acrescenta que é nesse lugar que o analista conduz as intervenções, rumo a desconstruções e a novas construções ou novas traduções e, ao mesmo tempo, novos recalques. Para ele toda construção no processo é uma reconstrução, recuperando parte de uma história real do sujeito que permite ao eu desfazer antigas construções relativamente à sua outra posição anterior. Não se deve pensar nos fatos brutos, mas na construção do objeto a ser sempre interrogado com interpretação criativa.

2. CAPITULOII

Neste capítulo apresentamos recortes de casos clínicos, atendidos pela autora em consultório particular. Tais casos constituem fonte de motivação para a presente pesquisa, em decorrência da presença marcante da agressividade no discurso e na situação transferencial. O objetivo da apresentação desses recortes é ilustrar a emergência do sado-masoquismo no campo clínico.

Fragmento de caso I

2.1 – O corpo “infantilizado e sofrido” na transferência

No presente caso, tem-se uma mulher aos 36 anos, que chega ao atendimento clínico dizendo-se em crise de identidade entre a vida religiosa e a vida amorosa. No decorrer da análise relata dificuldades com o outro e fantasias masoquistas que repetem o comportamento compulsivo de masturbação desde a infância, com sentimento forte de culpa, sugerindo o que foi traumático na relação com o outro e constitutivo da sua sexualidade. A masturbação era acompanhada de dor e prazer chegando a se machucar. Apresenta dificuldade em assuntos sexuais, com forte inibição em tudo que se refira a sexo e em dúvidas sobre suas escolhas no campo profissional e de identidade. Apresenta recusa do olhar frente ao outro, por sentir que este pode invadir sua vida e descobrir sobre suas intimidades e suas fantasias. Ao mesmo tempo, fala de um temor frente ao pai pelos castigos que possa lhe infligir por se masturbar, já que fez o voto de castidade e não conseguiu cumprir nos três conventos nos quais esteve desde os dezesseis anos.

Relata sobre uma exagerada vigilância materna na infância. São vários os conteúdos de violência durante a infância, atravessados por lembranças de uma mãe que invade a prematuridade da criança, desencadeando um ódio pela figura materna, que também se mostra, nos relatos, em conflito com a identidade sexual. As falas da mãe sobre o casamento traziam conteúdos drásticos do tipo: “ela dizia que não prestava ser mulher”. Outra situação descrita com caráter de violência entre mãe e filha aparece na seguinte expressão: “Me lembro por volta dos três anos e aos quatro anos, quando ela fechava a porta do banheiro, para não entrar outra pessoa, ela ia me lavar e quase me

machucava, eu sentia prazer e dor, ela abria para olhar.”(sic) Apresentava também dores no corpo, medo do encontro com o outro principalmente no campo sexual e o afastamento da feminilidade até o atendimento. Fato este observável na forma de se vestir, usando apenas calças compridas, sandálias do tipo franciscano, sem uso de qualquer adorno ou cuidados, típicos do universo feminino.

Aos dezesseis anos faz opção por viver uma vida religiosa, a convite de uma vizinha e motivada pela fuga frente à adolescência, que a ameaçava ao pensar na possibilidade de namoro e casamento. As suas experiências nos conventos, duraram até a idade de trinta e três anos em locais variados. Nestes conventos sempre surgiam a repetição de um excesso de afeto, dedicado à madre superiora. Fato interpretado pela maioria das madres como um apelo homossexual. Mas o sentido dado por ela era o desejo de uma mãe boa. Em duas entidades, foi encaminhada ao serviço de psicologia e no último foi dispensada da vida religiosa, sem saber exatamente o motivo. No seu entendimento a psicóloga teria dito para as irmãs, que ela seria louca e não poderia seguir a vida religiosa, já que não conseguia viver a castidade e deixar de pecar. Momento este de intenso sofrimento e em que procura o tratamento, por ela própria.

No início do tratamento pensamentos de tortura e autodestruição eram constantes, dizia sentir dentro de si, por várias vezes, que o melhor seria morrer. “acabar com tudo, acabar com tudo: é melhor morrer.” A severidade consigo mesma se repetia acompanhada do desejo de beber veneno de rato, cortar os pulsos. Acrescentava: “Nessa hora um terrível conflito se faz presente dentro de mim. Eu sei que não consigo nada, não encontro o meu lugar, onde eu possa sentir-me a vontade pra viver, ter liberdade de viver do meu jeito, em tudo, na maneira de vestir, rezar, possa viver abertamente dizer abertamente o que estou sentindo” (sic).

Suas fantasias eram acompanhadas de dor e prazer sugerindo que seus encontros com o outro desencadeavam uma excitação excessiva, o que vinha prejudicando suas escolhas profissionais e afetivas. Por exemplo, se determinado homem a atraía ela se desorganizava emocionalmente, se apegava muito, chegando a ter fantasias sexuais com atos de masturbação e violência para consigo. Sua indecisão entre a vida religiosa e a vida amorosa, que permeou o tratamento por muito tempo, parece ter sido desencadeada pela vivência da sexualidade como ameaçadora, guiada por fantasias diárias condenatórias, por não conseguir respeitar a castidade necessária à vida religiosa, relatando também fantasias sexuais com padres. Participavam disso

também as lembranças da mãe dizendo que “casamento não presta” e queixando-se sobre a vida sexual com o pai. As cenas se desdobram em sons escutados e imagens da mãe mantendo relação sexual com o pai. Para ela a relação significava um momento de dor e agressão, que se associava a sensação de dor e gritos da mãe.

Relata dificuldade de olhar nos olhos das pessoas, pois os olhos revelariam o que tem por dentro, muito desejo sexual e culpa, que se associava à “bicho do mato” como era chamada pelos pais na infância. A imagem de uma criança num canto isolada e triste era constante nas suas colocações no atendimento e a saudade do pai falecido há alguns anos, por quem nutria muito afeto e desejo.

Estamos diante de uma vivência de sofrimento com forte conotação e prazer no campo da sexualidade ligado às fantasias de masturbação e dor. Sua posição na idade adulta para com a mãe se dava de forma sádica com prazer nas cenas de humilhação e tortura vivida entre ambas de maneira inconsciente. Relatava cenas de maus tratos direcionados a mãe, no dia a dia, apegando-se a uma predileção por Nossa Senhora, a única mulher com quem poderia se identificar. Suas fantasias em análise demonstram as características de auto-erotismo, dominação frente ao outro, conflito entre o feminino e o masculino, repetição de situações de humilhação, subjugação que foram construídos em um tempo infantil de muita afeição e erotismo. As voltas com o complexo parental e o Édipo carregado de muita tensão, amor demais pelo pai e ódio de uma mãe invasora agressiva revelados no abandono do papel feminino e no apelo para o amor a Deus como substituto do pai. A culpa e a fixação em atos de masturbação como manifestações que repetem conjuntamente com a dor e o prazer. Eles diziam de fantasmas psíquicos, dificuldade em reconhecer seu sofrimento, forte sentimento de culpabilidade. Levam-nos a pensar também numa organização libidinal regredida. Ou seja, uma subjetividade marcada pelo par sadomasoquismo, uma pulsão masoquista em direção ao prazer fantasmático vivido unicamente no próprio corpo. E sádica na relação estabelecida entre as instâncias psíquicas, proveniente do outro internalizado que mantém o domínio e a violência para consigo e com o outro no mundo externo.

Na transferência surge, durante boa parte do processo, insistência e repetição de um corpo infantilizado como forma de esconder os fortes desejos sexuais. Um masoquismo moral encobrindo o masoquismo erógeno. Em alguns momentos estava eu como profissional, diante de uma cena não comum na clínica. Ela no divã como um bebê em plena excitação com as pernas, confusa nos pensamentos que a atravessam demonstrando ansiedade, sofrimento, dor e choro junto ao outro.

Ressaltando o papel do outro na constituição do masoquismo, temos uma manifestação na clínica que sugere a derivação da fantasia masoquista, apoiada no masoquismo originário, associando lembranças e relatos confusos de violência e mensagens cujas traduções repetem o prazer na dor, sugerindo a implantação da sexualidade na criança, por parte do adulto parental.

2.2 – “Sadismo” ou relação de “dominação” na transferência.

Fragmento Caso II

O caso II refere-se a um homem que busca por tratamento aos 40 anos, com várias queixas como falta de desejo sexual, impotência, depressão e muita ansiedade. Relata dificuldade de resolução de conflitos com vizinhos, inquilinos, e, no ambiente de trabalho, em situações em que se encontrava extremamente vulnerável ao outro, com sentimento de perseguição e impotência. Estas situações se repetiam, sem que tomasse consciência da semelhança entre elas e as cenas de violência do pai para com ele na infância, evitadas em suas associações. O pai tinha como forma de educar ou correção bater e espancá-lo. A única maneira de paralisar esse pai era urinando. Ao mesmo tempo em que apanhava era chamado de bandido pelo pai.

Ao longo dos relatos diz que nas suas brincadeiras desde a infância é percebida a tendência ao prazer na violência e em dominar a situação. Conta que, amarrava linha na galinha junto ao pé do gatinho, o que lhe proporcionava a sensação de prazer sexual. Demonstrava uma sexualidade primeiramente vivida a partir dos seus arranjos imaginários construídos e observados a partir de cenas de dor e tortura vistos em filmes de guerra e um prazer enorme com construção de fantasias chegando a se masturbar em seguida à observação de “nádegas.” Também em outras situações de passividade, como a sua presença na sala de espera por atendimento médico, momento de construção de fantasias e, em consequência, a masturbação no toalete. Dizia: “minha sexualidade é bizarra, sádica e não é civilizada, por ter prazer na dor do outro.” Reconheceu ao longo do tratamento que seus conflitos diziam de uma forte tendência a dominação das relações e caso não conseguisse ocorria uma desorganização emocional por não sustentar a posição viril diante do outro, fazendo-o acreditar e dizer: “grande parte dos meus problemas vem da relação com meu pai e do elemento pavor.”

Em análise diz: “tenho pano pra manga, retalho pra capanga em assunto de pai e mãe.” Lembra-se de uma mãe doente e submissa ao pai e identificada como figura extremamente frágil. Reconhece ao longo do tratamento que recalcou o universo feminino e se identificou às características sádicas do pai, por outro lado se mostrava passivo nos conflitos com a mãe. Em varias situações de desencontro com o outro temia que esse pai retornasse, nos homens ou mulheres com os quais tinha contato, sentindo ameaça de destruição. Situação esta que se repetia ao longo da vida lhe trazendo ao mesmo tempo prazer. Na infância era chamado de “Carlinhos o menino frágil”. Sua tendência à dominação aparece também como forma de controle da relação com a mulher. Como exemplo: utiliza-se de filmes pornográficos contra a vontade da mesma, para aquecer a relação sexual. Comenta: “Sexo é como alimento prefiro o sexo selvagem”.

Poderíamos supor por trás das suas exigências de conotação agressiva a hipótese da supremacia de um caráter sádico diante do outro? Ou uma posição sado-masoquista do eu para consigo e o outro? O fragmento sugere a posição passiva e de prazer associada a fantasias diante da angústia de castração. Sugere também sua passividade nas cenas de violência promovida pelo pai para com ele e a identificação com a fragilidade da mãe. No atendimento se mostrava exigente com a quantidade de intervenções feitas, com dificuldade nos horários agendados e exigência de explicações teóricas sobre a prática profissional, indicando a transferência negativa. Sadismo e masoquismo do eu em um movimento de inquietação e exigência para com o outro. Uma agressividade como tentativa de dominação do objeto que se repetia na transferência. Ao lado disso podemos supor a permanência de uma sexualidade auto-erótica ou fixação da sexualidade no auto-erotismo, a partir da masturbação compulsiva ao imaginar fantasias envolvendo passividade e prazer sado-masoquista.

4. CONCLUSÃO

Os termos sadismo e masoquismo são apresentados por Freud como componentes da pulsão sexual, caracterizando a psicosexualidade nos seus aspectos de prazer associado à dor. No campo pulsional o caráter masoquista está relacionado à busca pelo prazer através da dor seja física ou moral. A dor, como fonte de excitação, liga-se à pulsão sexual. Já a pulsão de caráter sádico é apontada pelo desejo de dominar o outro e levá-lo ao sofrimento. Na primeira tópica o sadismo é considerado primário ao masoquismo e os movimentos podem se manifestar no psiquismo de forma complementar, sendo então, chamado de sadomasoquismo.

Em 1915 o masoquismo, enquanto característica da subjetividade, é descrito como a introjeção de uma cena sádica, que em determinado momento é revivida no próprio sujeito. Freud descreve a capacidade do psiquismo de “introjeção” como resultante de um processo complexo, que está num plano auto-erótico e da excitação proveniente das experiências psíquicas junto ao corpo, entre elas a dor. Conjuntamente ao momento da internalização, fantasias são criadas no plano pré-consciente e inconsciente. Essas fantasias surgem de elaborações sucessivas de cenas, sob as quais a criança, compõe sua sexualidade. Nestas cenas podem se revelar também os fantasmas masoquistas ligados à excitação libidinal, como substitutos da relação edipiana. A angústia de castração e o sentimento inconsciente de culpa que se repetem posteriormente na vida adulta, são resultantes, entre outros fatores, do caráter sádico e masoquista das fantasias, e do modo como a criança lida com os afetos para com os pais, no recalçamento do amor incestuoso e no movimento de amabilidade observado entre os pais. Conforme foi apresentado, as cenas tem elaboração sucessiva, o segundo tempo sendo o mais importante por conter o enredo do masoquismo, marcado por forte excitação sexual. A cena que o representa seria então: “estou sendo espancado pelo meu pai.” Seus desdobramentos participam das primeiras identificações da criança com o campo sexual e suas escolhas dos objetos amados e odiados. Uma organização genital regredida é como substituto da relação genital proibida que encontra escoamento na masturbação apresentando sentimento inconsciente de culpa.

Ainda em Freud, encontramos nos escritos posteriores à segunda tópica, novas hipóteses sobre o problema do masoquismo na constituição psíquica, que são: a afirmação da primazia do masoquismo com relação ao sadismo e a descrição de três tipos de masoquismo compondo a subjetividade o erógeno, o moral, e o feminino.

Os fragmentos de caso apresentados no capítulo II suscitaram questionamentos diversos do tipo: como dizer do mal - estar, presente no campo transferencial? O relato de espancamento na infância realizado por parte de um adulto, tem interferência na construção psíquica da sexualidade desses sujeitos? A relação com o outro marcada com características de violência e perversão vividas na infância, explicariam os sintomas atuais da paciente? As fantasias não revelariam uma dimensão que em geral de forma inconsciente estaria presente na relação do adulto com a criança?

Tais interrogações encontram melhores possibilidades de resposta a partir dos estudos freudianos da segunda tópica. A mudança na teoria em 1924 no texto: “O problema econômico do masoquismo” avança na compreensão de um masoquismo de base fisiológica e de excitações provenientes da dor que se associa à pulsão sexual. Outra hipótese para o entendimento do masoquismo erógeno seria a pulsão de morte, juntar-se à libido, levando-a ao destino da destruição do objeto. Ou seja, uma parte da pulsão de morte estaria à serviço da função sexual que resultaria no sadismo. Ainda nesse raciocínio, restaria algo da pulsão de morte no organismo, que ao juntar-se à excitação sexual, daria origem ao masoquismo original ou erógeno. Freud chega a desenvolver sua explicação dizendo que nos movimentos da pulsão de vida e de morte, sempre restará parte da pulsão de morte no organismo. O sadismo original seria esta parcela da pulsão de morte, direcionada para fora e o que resta o masoquismo erógeno. O sadismo poderia, ao ser direcionado ao exterior, ser novamente introjetado, e resultaria em masoquismo secundário. Concluindo, Freud afirma que o masoquismo erógeno, está em todas as fases da vida, nas fantasias, associado ao medo de ser devorado, surrado, castrado, segundo as fases evolutivas da libido.

As hipóteses freudianas podem contribuir no entendimento do desconforto no atendimento, diante de uma violência a mais nos relatos relacionado a pulsão masoquista e às fantasias de flagelação, presente nos casos, sinalizando a complexidade na relação intersubjetiva e intrapsíquica no campo transferencial.

No que se refere às violências por parte de um adulto, presentes nos casos, podemos associá-las à excitação libidinal, que conjuntamente com a dor e a pulsão de morte desencadeariam o caráter masoquista e perverso da subjetividade. Lembrando que paralelo a essa hipótese há o complexo de Édipo, que marca o tempo do desejo incestuoso pela figura parental, com sentimento inconsciente de culpa, participando das construções fantasmáticas da criança e do processo de fixação e regressão da organização genital apresentada nos casos.

As perguntas sobre a presença de um outro perverso velando a escolha masoquista nos casos e a dimensão da fantasia enquanto processo inconsciente na relação do adulto com a criança poderiam ser subentendidas em Freud? Em parte ou de maneira implícita poderíamos dizer que sim. Freud aponta isto quando nos fala de cogitações da criança sobre a relação sexual dos pais, as imagens verbais escutadas, construídas e nos mistérios que podem surgir na descoberta dos seus genitais e na escolha da sua identidade sexual.

Em contrapartida, a contribuição de Laplanche deixa claro que as fantasias do adulto diante da criança implantam a sua sexualidade. A criança é passiva diante do adulto, não há recursos psíquicos suficientes que a coloquem em outro lugar. O termo utilizado por ele é *implantação* significando ato de introduzir a fantasia que vem do outro. Se em Freud, a excitação somática é transposta em prazer sexual, em Laplanche a fantasia do adulto é colocada para a criança à sua revelia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

JUNIOR, Nelson Coelho. Fala, escuta e campo Terapêutico em Psicanálise. In: FIGUEIREDO, L.C.e JUNIOR,N.C. Ética e Técnica em Psicanálise. São Paulo: escuta, 2008, p.67-96.

HANNS, Luiz. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, Jean e Pontalis, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. Pedro. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, Jean. *Vida e Morte em Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, Jean. A interpretação entre Determinismo e Hermenêutica: Uma Nova Posição do Problema. In: *Caderno do SPAJ*, nº 1, artigos selecionados introdutórios. Rio de Janeiro 1993.p.46-69.

LAPLANCHE,J.Masochisme et sexualité.(entervetien avec Jacques André) in:André,J. *L'énigme Du masochisme*.Paris,Puf,2001,p.19-30.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FREUD, Sigmund. (1924) O problema Econômico do Masoquismo. Coord. Geral de Tradução Hanns, Luiz Alberto. Rio de Janeiro: Imago, 2007. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. III.

FREUD, Sigmund. (1915) Pulsões e Destinos da Pulsão. Coord. Geral de Tradução Hanns, Luiz Alberto. Rio de Janeiro: Imago, 2004. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1919) Uma criança é espancada: Uma contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XVII

FREUD, Sigmund. (1905) Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. VII.